



## **Representação Midiática das Mulheres Rurais: uma análise do caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora**

**Claudine Freiberger Friedrich<sup>1</sup>**  
**Júlia Capovilla Luz Ramos<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva analisar a representação midiática das mulheres camponesas após a implementação de políticas públicas sobre gênero e igualdade no meio rural. O corpus reúne matérias publicadas no caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora, disponíveis no portal online GAÚCHAZH durante o primeiro semestre de 2018. Por meio de um protocolo de análise, observou-se que a aparição feminina, em grande parte das notícias, mostra-se atrelada à presença do masculino. Nesses casos, o papel das mulheres é considerado secundário nas atividades produtivas do campo, subordinada à figura do marido ou do pai. Conclui-se, ainda, que a representação da mulher rural gaúcha está permeada também por aspectos socioeconômicos e raciais.

**Palavras-chave:** Mulheres Rurais; Representação Midiática; Jornalismo; Campo e Lavoura; Zero Hora.

No Brasil, há 14 milhões de mulheres que vivem no campo. Elas respondem por 45% da produção nacional de alimentos e por 42,4% dos rendimentos familiares. Dados do Censo Agropecuário de 2006 apontam que a força de trabalho feminina é responsável por 12,68% dos estabelecimentos rurais<sup>3</sup>. No presente artigo, interessa-nos

---

<sup>1</sup>Estudante de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS. E-mail: claudinefreibergerfriedrich@gmail.com

<sup>2</sup>Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. E-mail: jcapovilla8@hotmail.com

<sup>3</sup> Dados disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/encontro-reflete-sobre-nova-ruralidade-brasileira>. Acesso em: 24 de junho de 2018.

compreender de que forma essas mulheres são representadas no jornalismo, em âmbito regional, levando-se em conta as mudanças com relação ao papel desempenhado por elas na cadeia produtiva agroalimentícia após a implementação de algumas políticas públicas sobre gênero e igualdade no meio rural. Para tanto, reunimos notícias que giravam em torno dessa temática publicadas no caderno *Campo e Lavoura* do jornal Zero Hora<sup>4</sup> durante o primeiro semestre (janeiro a junho) de 2018, disponíveis no portal online deste periódico<sup>5</sup>.

Para a escolha do corpus, primeiramente, foram consideradas todas as notícias cuja foto de capa trazia mulheres em primeiro plano, tanto sozinhas quanto acompanhadas. Neste movimento inicial chegou-se a 17 matérias. A partir disso, selecionou-se para análise apenas as notícias que identificavam as mulheres retratadas como produtoras rurais, excluindo do rol da pesquisa, portanto, as matérias que enquadravam mulheres fora deste universo. A partir deste recorte, restaram 7 matérias nas quais foi aplicado um Protocolo de Análise, elaborado exclusivamente para a investigação deste corpus. Tal protocolo levou em consideração os seguintes quesitos: título e data de veiculação da matéria; fotografia; jornalista assinante; contexto de participação das mulheres na notícia; referência à situação socioeconômica das mulheres; discurso jornalístico; discurso das fontes entrevistadas e citadas; e, gênero das fontes noticiosas.

O jornal Zero Hora foi o veículo escolhido para a análise pela sua relevância dentro do mercado jornalístico nacional: fundado em 1964 pelo Grupo RBS – empresa de comunicação afiliada da Rede Globo - ZH é líder em circulação no Rio Grande do Sul e o quinto maior jornal do país (GRUPO RBS, 2018). Editado em Porto Alegre, o jornal “conta com 17 cadernos, mais de 200 jornalistas, uma sucursal em Brasília e mais de 100 colunistas” (GRUPO RBS, 2018). Disponível nas versões impressas e digitais, o jornal também fornece conteúdo pelas plataformas Twitter, Facebook e Instagram. Para contemplar os assuntos do meio rural, o jornal dispõe do caderno Campo e Lavoura, criado em 1984 para dar conta de um “dos temas mais relevantes para a economia do

---

<sup>4</sup> Acesso online ao caderno Campo e Lavoura: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/ultimas-noticias>

<sup>5</sup> Portal GAÚCHAZH: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

Estado” (GAÚCHAZH, 28/10/2016). Atualmente, o Campo e Lavoura é veiculado em edição impressa semanal e alimentado quase que diariamente no portal online de Zero Hora, denominado GAÚCHAZH, que é vinculado à rádio Gaúcha - também pertencente ao Grupo RBS.

## 1. Mulheres Rurais

Apesar de participarem ativamente da lida no campo, muitas mulheres rurais permanecem sendo vistas como peças secundárias, principalmente quando realizam atividades consideradas de baixa comercialização e com menor geração de lucros. Conforme Brumer e Paulilo (2004, p. 171), “as agricultoras, ao mesmo tempo que têm grande participação na produção agrícola, principalmente na de alimentos, [...] têm pouca visibilidade nas estatísticas oficiais e formam um dos grupos mais esquecidos pelas políticas públicas”. Partindo dessa premissa, as relações de gênero ganham relevância nas problemáticas do universo rural, sendo apontadas pelas mesmas autoras como uma das grandes causas dos processos de êxodo:

Devido às desigualdades de gênero, que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma posição subordinada na estrutura familiar – evidenciada na distribuição das atividades nas esferas de produção e de reprodução, do poder e do acesso à propriedade da terra –, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural do que os homens (BRUMER E PAULILO, 2004, p. 225).

Ao falarmos sobre desigualdade de gênero, seja ela no meio rural ou urbano, é preciso levar em conta, primeiramente, a perspectiva que se quer adotar nesta investigação. De acordo com Kirkwood (2017, p.31), a referência à palavra mulher e à feminilidade, tal como a conhecemos, não têm uma origem biológica, ideia com a qual nos filiamos. Segundo a autora (2017, p.23, tradução nossa), “as especificidades de discriminação da mulher são construídas social e culturalmente, então, podem e devem ser modificadas cultural e socialmente”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Citação original: “as especificidades de discriminación de la mujer son construidas social y culturalmente, entonces, pueden y deben ser modificadas cultural y socialmente” (KIRKWOOD, 2017, p.23).

Neste sentido, a necessidade de estudar as problemáticas de gênero se encontra no fato de que, apesar de as mulheres serem um grupo social historicamente silenciado, também encontram modos de resistência dentro dessa mesma sociedade machista. Scott (1995, p. 93) sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça. A mesma autora também propõe que as análises de gênero devam ser centradas na diferença percebida entre os sexos. Em suas palavras:

o termo ‘gênero’, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino (SCOTT, 1995, p. 75).

Em vista disso, compreende-se que, ao falar de mulheres, não podemos deixar de levar em conta a relação histórica de subordinação com relação aos homens, principalmente no meio rural. Heck e Langdon (2002, p. 139) afirmam que a mulher colona, normalmente, tem duas ou até três jornadas de trabalho, dividindo seu tempo entre a roça, os filhos, a casa, as vacas e as galinhas, a horta e o jardim. Nessas tarefas, recebe pouco auxílio de terceiros ou das tecnologias. Apesar disso, “a imagem pública de administrador” recai sobre o homem, pois “é ele quem responde pelos negócios” (HECK e LANGDON, 2002, p. 140). Do mesmo modo, Brumer e Paulilo (2004, p. 173) afirmam que “enquanto para os homens casar com uma mulher agricultora é garantia de continuidade da produção familiar, para as mulheres significa dar continuidade a uma vida de sujeição à vontade de outros que não a sua”.

Por outro lado, ressaltamos o fato de que a situação de inferioridade enfrentada pelas mulheres rurais tem sofrido mudanças significativas nos últimos anos. Políticas públicas foram implementadas com vistas à proporcionar maior autonomia às mulheres rurais brasileiras - como a Portaria nº 981, de outubro de 2003, que tornou obrigatória a titulação conjunta da terra; a Linha de Crédito de Investimento para Mulheres (Pronaf Mulher), também criada em 2003; e o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural, em vigor desde 2004. A chegada das Tecnologias de Informação e

Comunicação (TICs) ao campo, principalmente através do celular e da internet, também contribuíram para a maior independência das mulheres camponesas e o reposicionamento do papel delas no âmbito da propriedade rural.

A apropriação das TICs pela mulher ampliou principalmente a sua participação nos processos decisórios da propriedade rural familiar. Hoje, munida de informações essa agente tornou-se responsável por administrar os recursos e investimentos da família, conquistando o respeito do marido, dos filhos e da comunidade, o que tem reflexo direto em sua autoestima e empoderamento (GUIMARÃES E SILVA, 2016, p. 69).

Esta diminuição gradual da desigualdade de gênero no meio rural é demonstrada também por dados divulgados pela ONU Mulheres - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. O relatório divulgado em 2016, intitulado “Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social”, aponta que o rendimento médio das mulheres rurais brasileiras mais que dobrou entre 2003 e 2013 (passou de R\$ 163,40 para R\$ 377,20) (ONU MULHERES, 2016, p. 78). Em relação à titulação da terra, o mesmo relatório assinala que as mulheres registraram 72% das propriedades em 2013, contra 24%, em 2003 (ONU MULHERES, 2016, p. 82). Entretanto, em relação ao tamanho do terreno, a mulher ainda é responsável por, em média, 33,17 hectares de terra, enquanto que os homens possuem propriedades que passam de 84,19 hectares (ONU MULHERES, 2016, p. 82). Esses dados mostram que, apesar da situação das mulheres rurais brasileiras estar caminhando em direção a uma maior autonomia e emancipação, ela ainda é marcada por preconceitos, privações e exclusões.

## **2. Representações Midiáticas**

Dentro do universo das representações, Alsina (2009, p. 11) considera que a notícia é uma realidade simbólica, pública e cotidiana, e que “os jornalistas são como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor”. Ainda segundo Alsina (2009, p. 290), precisamos entender que “os meios de comunicação permitem a visibilidade de certas realidades, mas, ao mesmo tempo, não refletem outras tantas”. O autor relaciona a construção da notícia com as representações sociais da realidade e afirma que estas, apesar de geralmente terem uma continuidade histórica, podem também mudar de

acordo com as circunstâncias de cada momento e da perspectiva dos observadores (ALSINA, 2009, p. 301).

Para tratar do conceito de representações sociais, tomamos como base Serge Moscovici (2009). Segundo este autor, a realidade que temos sobre o mundo deriva das inúmeras representações acerca dos objetos e das pessoas. Algumas destas representações nos são impostas porque precisam adequar-se a padrões – modulados pelas memórias sociais, categorias culturais, imaginários e hábitos - que são passados de geração em geração e se edificam com o tempo. Sendo assim, esta realidade construída de acordo com as vivências de cada grupo serve como suporte para a elaboração das representações sociais que produzimos sobre o mundo, os objetos e, especificamente, sobre os indivíduos, com o objetivo de promover a compreensão e a comunicação entre os sujeitos. Moscovici (2009, p. 208) explica: “As representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não-problemática e reduzir o ‘vago’ através de certo grau de consenso entre seus membros”. Com base nisso, o autor vai dizer que “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integralidade normativa do grupo” (MOSCOVICI, 2009, p. 216).

Em se tratando de representações midiáticas, Braga e Menezes (2014, p. 5) defendem que “a mídia, com suas dinâmicas e simbologias, influencia a sociedade na construção da realidade social e, conseqüentemente, nas representações sobre o mundo”. Na mesma linha de pensamento, Soares (2007, p.51) avalia que a onipresença dos meios faz com que as representações midiáticas sejam as mais profusas e importantes nos estudos de comunicação. O autor afirma ainda que “a pesquisa das representações da cultura mediática tem como foco mais recorrentes as da mulher, das minorias e das etnias, embora, em princípio, qualquer assunto possa ser objeto de estudo enquanto representação” (SOARES, 2007, p. 51).

Entendemos, a partir destes conceitos, que a atuação das mulheres na sociedade é conformada pelos papéis que lhe são atribuídos, os quais se constroem culturalmente e ajudam a legitimar a violência, tanto literal quanto simbólica, contra estas mulheres. Nas palavras de Costa, Lopes e Soares (2014, p. 221),

as Representações Sociais, como formas interpretativas da realidade social nesse meio, associam a violência às assimetrias de poder, em que as desigualdades de poder justificam a natureza da sujeição feminina. Isso legitima as atitudes de gênero que cristalizam papéis masculinos e femininos como elementos da dominação entre os sexos, sendo a violência resultante dessa relação e socialmente aceitável.

Neste contexto, portanto, faz-se necessário estudos que problematizem as representações geradas a partir de operadores midiáticos, para que seja possível compreender de que forma a comunicação tem construído a imagem das mulheres rurais e como a representação midiática ajuda a conformar as realidades culturais e a construir imaginários sociais sobre esta parcela da população.

### **3. Representação das mulheres rurais em Zero Hora**

Em nossa análise das sete matérias publicadas no Caderno Campo e Lavoura (ZH) durante o primeiro semestre de 2018, nove mulheres apareceram em fotografias e textos jornalísticos na condição de produtoras rurais. Todas elas são brancas e boa parte é retratada ao lado de um homem. Em umas das situações o homem é o pai; nas outras seis, é o marido. Em quatro das sete notícias, o depoimento das mulheres é acompanhado da fala do homem, citação que sucede ou antecede as palavras da fonte feminina, ainda que os textos jornalísticos, na maioria dos casos, façam referência aos homens e às mulheres como igualmente responsáveis pela produção rural.

Na matéria intitulada “Após crise no leite, tambos são deixados para trás no RS” a produtora Loreci Facioni e o marido, também produtor, Nelso Facioni, aparecem como fontes. No texto, são utilizados recursos verbais que fazem referência ao trabalho de ambos: “Descontentes com o aumento no custo de produção e a redução no lucro, Loreci, 55 anos, e o marido, Nelso, 62 anos, abandonaram a venda de leite no primeiro semestre do ano passado” (GAÚCHAZH, 19/01/2018, grifos nossos). A matéria “Abandono do leite leva à concentração da atividade”, também traz um casal de produtores para falar sobre as mudanças no mercado leiteiro. A linguagem, neste caso, também é plural: “Boa parte do que os produtores João Benicio Zwirtes, 53 anos, e Flavia Teresinha Zwirtes, 51 anos, conquistaram ao longo de três décadas deve-se ao leite” (GAÚCHAZH, 19/01/2018, grifos nossos). O texto ainda faz uma breve referência à situação socioeconômica da dupla quando afirma que “a produção [de leite] já alcançou 900 litros por dia [...] hoje, chega a 600 litros

por dia”. O casal também ilustra a matéria, sendo fotografados lado a lado em meio ao rebanho. Já na matéria “O vinho colonial agora é legalizado; entenda como os produtores se adaptaram”, dois casais são citados como proprietários de agroindústrias pioneiras em venda legalizada de vinho colonial e funcionam como fontes da notícia. A reportagem conta com duas fotografias; cada uma delas apresenta um dos casais e, em ambas, homem e mulher são retratados em meio à produção de vinho. O texto se refere aos produtores em pé de igualdade: “Auri e Diva Flâmia estão entre os pioneiros a obterem o registro.” [...] “O casal investiu em torno de R\$ 70 mil na reforma do galpão [...]”; “Aldo e Adriana Lazzari não hesitaram em iniciar a busca pelo registro. Em fevereiro, o casal de agricultores recebeu a autorização do Ministério da Agricultura [...]” (GAÚCHAZH, 29/03/2018, grifos nossos).

Em dois outros casos, porém, as mulheres, apesar de comporem as imagens, não têm voz no texto, sendo citadas como esposas dos produtores rurais, as verdadeiras fontes das notícias. Tais narrativas jornalísticas imiscuem a participação das mulheres, visto que, nesses casos, os maridos são os protagonistas e, conseqüentemente, os responsáveis pela produção agrícola, relegando as mulheres a um papel secundário. É o caso da reportagem “Venda de queijo serrano para todo o Rio Grande do Sul”, que mesmo referindo-se à mulher e ao marido como responsáveis pela primeira agroindústria a conseguir habilitação para venda de queijo no Estado, apenas o homem é ouvido: “Cardoso, 60 anos, trabalha ao lado da mulher, Inez, e conta com a ajuda do filho” (GAÚCHAZH, 19/01/2018). Em termos de linguagem, o jornalista deu preferência a pronomes e verbos no singular masculino: “Ao se ajustar às exigências sanitárias para aderir ao Susaf, ele criou uma oportunidade de melhor colocação no mercado. Mas sabe que é preciso ter paciência” (GAÚCHAZH, 19/01/2018, grifos nossos). No entanto, quando a citação deriva diretamente da fala do empresário, o enunciado passa para a primeira pessoa do plural: “Produzimos 10 quilos [de queijo] por dia, mas temos estrutura para 250 quilos” (GAÚCHAZH, 19/01/2018, grifos nossos). Na fotografia, o casal aparece junto em meio à produção de queijo.

De acordo com Alsina (2009, p. 292) “devemos prestar atenção nas fontes que são citadas para interpretar os acontecimentos”, tendo em vista que “a relação entre acontecimento-fonte-notícia é essencial para a compreensão da construção social da realidade da informação” (ALSINA, 2009, p. 52). Ainda de acordo com Alsina (2009, p.



174), “as fontes que aparecem nos discursos informativos são importantes, já que são elas as que se institucionalizam socialmente”. E completa: “o fato de que determinadas fontes tenham voz, no intuito de interpretar, valorizarem, e, em resumo, opinarem sobre o acontecimento, é um elemento fundamental na construção do sentido” (ALSINA, 2009, p. 292).

Em relação às demais mulheres entrevistadas, há também duas fontes oficiais femininas nas matérias que constituem nosso *corpus*, acionadas por ocuparem cargos em instituições governamentais. Neste mesmo universo de amostragem, no entanto, a concorrência ainda é desleal: trinta homens serviram de fonte, sendo nove na condição de produtores rurais e 21 como representantes de instituições.

Já em relação ao tipo de atividade desempenhada, cinco notícias fazem referência à produção de alimentos (leite, vinho, queijo, uva e pêssego); outras duas abordam a compra de máquinas agrícolas. Pelo número de matérias que versam sobre o setor primário, a representação das mulheres rurais no Rio Grande do Sul se dá a partir da imagem do trabalho manual e artesanal; desenvolvido dentro da propriedade e em contexto familiar.

Uma das exceções está na matéria “Mulheres ganham espaço no agronegócio da serra”, cuja publicação se deu no dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher. Esta é a única notícia que trata, especificamente, da força de trabalho feminino nas propriedades rurais; além disso, é também a única na qual há apenas depoimentos de mulheres e que a figura masculina não aparece na fotografia. O texto apresenta um discurso de empoderamento: “A presença da mulher na tomada de decisões nas propriedades rurais da Serra está cada vez mais evidente” (GAÚCHAZH, 08/03/2018). O texto ainda sublinha a crescente “presença feminina na liderança das propriedades rurais do Rio Grande do Sul” sem, contudo, fornecer dados a respeito disso, apenas a citação da gerente da Emater: “A gerente regional da Emater Caxias do Sul, Sandra Dalmina, ressalta que elas têm conquistado cada vez mais espaço, principalmente nas agroindústrias. — Elas são fundamentais e estão tomando à frente dos negócios — aponta” (GAÚCHAZH, 08/03/2018). Neste caso, apesar de citar que a lida no campo é realizada em parceria com o marido e o filho, o texto jornalístico descreve de uma das fontes femininas no singular: “Neusa Maria Dallegrave, por exemplo, é uma mulher apaixonada pela agricultura. Aos 49

anos, ela não conhece outra atividade e também não se imagina em outra função. Ao lado do marido, Hamilto, e o filho, Fabrício, ela não abre mão de participar das decisões da família” (GAÚCHAZH, 08/03/2018, grifos nossos). O texto apresenta, ainda, a preferência da entrevistada pelas atividades agrícolas em comparação aos serviços domésticos: “— Amo a terra. Amo a minha profissão. Tenho orgulho de ser colona — declara.” [...] “— Prefiro os parreirais do que as tarefas de casa. Me dá prazer colher o que plantamos — orgulha-se” (GAÚCHAZH, 08/03/2018). Nota-se que o gancho da matéria foi o dia internacional da mulher mas, por se tratar da editoria de rural, também demonstra que, além da homenagem, há a preocupação em abordar temáticas voltadas à igualdade de gênero nestes espaços. Talvez esta preocupação esteja ligada ao fato da editora do caderno de Zero Hora ser uma mulher.

A sexta notícia analisada - “Conheça manejos e tecnologias para uma fazenda sustentável” - trata do aumento da produtividade rural através de práticas sustentáveis na agricultura. A jovem Virginia Quaini, de 18 anos, é retratada como *case* sobre sucessão rural feita pela juventude e também é apontada como estudante que valoriza práticas de agricultura sustentável. O depoimento de Virginia é precedido da fala do pai, Evaldo Davi Quaini. A fotografia de capa da matéria mostra pai e filha parados, lado à lado, em frente a uma máquina agrícola. A linguagem jornalística faz referência a ambos enquanto responsáveis pela produção: “No ano passado, pai e filha adquiriram, pela primeira vez, uma plantadeira guiada por trator com piloto-automático e tráfego controlado. Agora, sonham em substituir os outros dois tratores por modelos com a mesma tecnologia” (GAÚCHAZH, 09/03/2018, grifos nossos). O texto ainda revela que a família Quaini trabalha com a produção de soja, milho e trigo em 300 hectares de lavoura.

A última notícia contendo foto de mulher rural publicada pelo caderno Campo e lavoura no primeiro semestre de 2018 é intitulada “Produtores vão às compras e intenção de negócios é recorde na Agrishow” e trata da compra de equipamentos agrícolas. Neste caso, duas mulheres têm seus nomes citados e aparecem em fotografias distintas. A primeira é retratada na fotografia de capa da matéria, sozinha, parada em frente a uma máquina agrícola; ela é utilizada como fonte no texto sem que seja feita referência a um homem. Para descrevê-la, o jornalista opta pelo uso da terceira pessoa do singular: “Com poder de compra garantido pela atual safra e crédito pré-aprovado, Sílvia já chegou à mostra

com a decisão de fechar negócio para equipar a fazenda que administra com um novo trator e uma plataforma de colheita de cereais”. A notícia descreve ainda que ela “planta batata, alho, cenoura, soja, milho, café e abacate em 2 mil hectares cultivados em São Gotardo (MG)” (GAÚCHAZH, 04/05/2018, grifos nossos). O seu depoimento liga-se à produção rural e remete ao sentimento de classe, ao englobar todos os produtores do setor agrícola: “– Precisamos de tecnologia de ponta, porque a agricultura é muito volátil. Um bom equipamento otimiza a produção. A maior produtividade acaba diminuindo custo e, na feira, os planos para aquisição de equipamentos são diferenciados – afirma a produtora Sílvia Suzuki Nishikawa” (GAÚCHAZH, 04/05/2018).

Já a segunda mulher referenciada na notícia é retratada ao lado do marido e do filho. Apesar de seu nome estar citado no texto e ser designada como “compradora de máquina agrícola”, junto do marido e do filho, a única fonte utilizada foi a masculina. A linguagem jornalística mescla singular e plural, fazendo referência majoritariamente ao homem: “Atraído pela proposta comercial de uma fabricante, Nivaldo Fulanetti, a mulher, Luciana Zanin, e o filho Augusto, de São Félix do Xingu, no Pará, efetivaram a compra de um trator no primeiro dia da feira. Mas a aquisição foi planejada: o produtor acompanhou por meses o preço do equipamento” (GAÚCHAZH, 04/05/2018, grifos nossos). No texto, o homem é apontado como o proprietário de 4 mil hectares de terras e, em nenhum momento, há referência ao trabalho da esposa.

Observamos que as fontes utilizadas pelo caderno Campo e Lavoura, de um modo geral, são masculinas. Por outro lado, mais da metade dessas notícias foram escritas por jornalistas mulheres. Pensamos, a partir disso, que os padrões sociais patriarcais se refletem diretamente na produção jornalística e na construção das notícias. Esta afirmação é confirmada por Veiga da Silva (2010, p. 201), quando diz que o jornalismo, a partir das visões de mundo de seus agentes, da cultura profissional e das rotinas de produção, acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicas de gênero que, em última instância, refletem a existência do padrão heteronormativo e machista. Sobre a influência das questões de gênero na produção jornalística, esta autora complementa que:

O jornalista é parte da sociedade em que está inserido, partilhando com estas visões de mundo que o ajudam a estabelecer padrões de normalidade e anormalidade, certo e

errado, e que fornecem, portanto, parâmetros que o ajudam a definir o que é ou não notícia, e que de modo geral se aproximam dos valores dominantes e normatizadores da sociedade (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 42)

Ao analisar as referências das notícias à condição socioeconômica das mulheres rurais, observamos discrepâncias entre as representações midiáticas geradas. As mulheres que, supostamente, possuem menor poder aquisitivo - por realizarem trabalhos agrícolas manuais e de menor porte – têm sua representação midiática ligada à presença de um homem e à rotina da produção agrícola alimentícia. O mesmo não acontece na representação da produtora rural que trabalha com a produção de grãos e outras culturas em propriedades cujo tamanho chega a dois mil hectares de terras. A expressão das diferenças, nestes casos, se transforma em desigualdades.

#### **4. Conclusões**

Na presente pesquisa, optamos por analisar a representação das mulheres rurais em notícias publicadas no caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora durante o primeiro semestre de 2018 cujas fotos de capa retratassem mulheres na condição de produtoras rurais, por presumir que, dessa forma, haveria maior visibilidade feminina no texto noticioso. Os aspectos apresentados a respeito de cada notícia dizem respeito aos elementos que mais se sobressaíram em relação ao protocolo de análise aplicado e explicitado na introdução deste trabalho.

A partir dessa metodologia, observamos que as matérias selecionadas da editoria de rural expressam um direcionamento referente às questões de gênero e à representação paritária entre homens e mulheres, o que, a nosso ver, pode ter relação direta com as políticas públicas aplicadas nas últimas décadas, que incentivam a ascensão social e econômica das mulheres rurais e o fato da responsável pelo caderno Campo e Lavoura ser uma mulher. Entretanto, percebemos, também, que as trabalhadoras rurais não são representadas em consonância com a totalidade das atividades que desempenham no campo, já que, apesar do protagonismo alcançado nos últimos anos dentro da cadeia produtiva agrícola, ainda possuem pouca visibilidade midiática. Tal aspecto pode ser relacionado com o fato de que “mesmo com o conjunto de conquistas alcançadas pelas mulheres, no plano de valores da cultura Ocidental, e da brasileira em especial, o

feminino – e não apenas as mulheres – ainda é posto em condição desigual em relação ao que se convencionou socialmente como masculino” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 51).

Devido a isso, nesta análise, consideramos também o papel das mulheres enquanto fonte jornalística. Neste ponto, observamos que apenas em duas ocasiões as mulheres rurais foram fonte das notícias sem estarem ligadas diretamente ao sexo oposto. A primeira delas se deu em notícia publicada no dia internacional da mulher. A outra exceção apareceu na notícia “Produtores vão às compras e intenção de negócios é recorde na Agrishow”, na qual uma produtora é descrita como a responsável pelas atividades no campo, sem que para isso necessitasse da presença masculina. Apesar das imagens também trazerem homens, a foto de capa dessa matéria trouxe especialmente a imagem de uma mulher posicionada sozinha em frente a uma máquina agrícola, destoando completamente da representação feminina das demais matérias. Somente em duas oportunidades o trabalho feminino esteve vinculado à produção de grãos e à utilização de “tecnologia de ponta”.

Concluimos, a partir disso, que o caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora, em alguns casos, procurou representar homens e mulheres rurais em condições de igualdade, o que pode ser visto nas notícias que traziam fotografias e depoimentos de ambos os sexos e, principalmente, pela matéria “Mulheres ganham espaço no agronegócio da serra”, que pautou a liderança das mulheres na produção rural. No entanto, observamos que, de um modo geral, o número de fontes masculinas é muito maior que o de fontes femininas. Além disso, há uma representação limitada das produtoras rurais que expressam condição socioeconômica baixa. Durante o período analisado, somente mulheres rurais brancas foram representadas imagetivamente. Ao fim e ao cabo, podemos dizer que a participação feminina nas notícias do caderno Campo e Lavoura segue atrelada à presença do masculino.

## Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BRAGA, Claudomilson e MENEZES, Kalyne. **A mídia e as representações sociais**. VIII Seminário de Mídia e Cidadania (SEMIC) – Faculdade de Informação e Comunicação – Universidade Federal de Goiás, 2014.

BRUMER, Anita e PAULILO, Maria. **As agricultoras do Sul do Brasil**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n.1, 2004.

CAMPO E LAVOURA. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/ultimas-noticias>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

COSTA, Marta; LOPES, Marta e SOARES, Joannie. **Representações sociais da violência contra mulheres rurais: desvelando sentido em múltiplos olhares**. Rev Esc Enferm USP, 48(2), 2014.

GAÚCHAZH. **Abandono do leite leva à concentração da atividade**. Porto Alegre, 19/01/2018. Disponível em: <https://goo.gl/jyhdjU>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Após crise no leite, tambos são deixados para trás no RS**. Porto Alegre, 19/01/2018. Disponível em: <https://goo.gl/M1grAS>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Caderno Campo e Lavoura completa 32 anos**. Porto Alegre, 28/10/2016. Disponível em: <https://goo.gl/LNBmDp>. Acesso em 10 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Conheça manejos e tecnologias para uma fazenda sustentável**. Porto Alegre, 09/03/2018. Disponível em: <https://goo.gl/SGPg1q>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Mulheres ganham espaço no agronegócio da serra**. Porto Alegre, 08/03/2018. Disponível em: <https://goo.gl/TCZqbb>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **O vinho colonial agora é legalizado; entenda como os produtores se adaptaram**. Porto Alegre, 29/03/2018. Disponível em: <https://goo.gl/cTXK2a>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Produtores vão às compras e intenção de negócios é recorde na Agrishow**. Porto Alegre, 04/05/2018. Disponível em: <https://goo.gl/1JDFMV>. Acesso em 26 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Venda de queijo serrano para todo o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 19/01/2018. Disponível em: <https://goo.gl/p2mJA4>. Acesso em 26 de julho de 2018.

GUIMARÃES E SILVA, Marcela. **A apropriação de TICS por extensionistas e agricultores familiares: uma leitura a partir da teoria da comunicação linear e em rede**. In: SILVEIRA, BARICHELLO e VIZER (Orgs.). Rural Conectado: mídia e processos sociotécnicos no Brasil e na Argentina., FACOS: UFSM, Santa Maria, 2016.

GRUBO RBS. Disponível em: <http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/zero-hora/>. Acesso em 19 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

HECK, Rita e LANGDON, Esther. **Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural**. In: MINAYO, Maria Cecília e

COIMBRA JUNIOR, Carlos (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

KIRKWOOD, Julieta. **Feminarios**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2017.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/encontro-reflete-sobre-nova-ruralidade-brasileira>. Acesso em: 24 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/sead-apresenta-o-selo-mulheres-rurais-e-campanha-mulheres-rurais-mulheres-com-direitos-no>. Acesso em: 24 de junho de 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ONU MULHERES - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. **Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social**. Brasília, 2016.

RESENDE, Fernando. **Representação das diferenças nos discursos jornalísticos**. BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH (Versão em português) – Vol. 2 – Num. 1, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SOARES, Murilo César. **Representação e comunicação: uma relação em crise**. Líbero, ano X, nº 20, 2007.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010.